



“AINDA BEM QUE TEM GENTE QUE NÃO FAZ GINÁSTICA”:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A FORMAÇÃO DO CORPO ATLETA
DE MENINAS NA GINÁSTICA ARTÍSTICA¹

Maitê Venuto Freitas
Marco Paulo Stigger

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender, dentro de um processo de construção de corpos atletas, ‘como’ e ‘por que’ uma criança se mantém em uma pré-equipe de Ginástica Artística que visa o alto rendimento. Na busca desse objetivo escolhemos analisar um caso específico de uma criança que participa do contexto estudado. A partir de observações e da realização de uma entrevista entendemos que três elementos são importantes para manter aquela criança na pré-equipe: treinar para competir, mas não necessariamente buscar resultados; manter vínculos de amizade; e usufruir das experiências que aquele universo proporcionava, para além da prática esportiva. O estudo também permitiu perceber o protagonismo da criança na construção das suas relações e na sua participação nos treinos.

PALAVRAS-CHAVE: criança; infância; esporte de alto rendimento.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere nos estudos de uma prática corporal específica, o esporte. Nele, apresentamos um recorte de uma pesquisa que busca entender como corpos de crianças atletas são construídos e, a partir desta construção, quais os significados que as crianças atribuem ao esporte de alto rendimento e a sua própria vivência nesse contexto. Tal pesquisa se localiza num diálogo entre um tema de interesse da Educação Física, o esporte, e uma linha de estudos da Antropologia, a Antropologia da Criança. Ao desenvolver uma revisão bibliográfica no campo da Educação Física, percebemos uma forte crítica ao esporte de alto rendimento direcionado para as crianças, assim como alguns outros temas recorrentes: a detecção de talentos, a crítica à especialização precoce e a importância dos pais e treinadores na carreira esportiva dos atletas.

Sobre a detecção de talentos, os estudos buscam identificar os perfis físicos, psicológicos e sociais das crianças para o desempenho de determinados esportes (BÖHME, 2007). Já no que se refere às críticas à iniciação esportiva precoce, destaca-se a perda da ludicidade e os prejuízos no desenvolvimento físico, emocional e social pelas altas cargas de treino, cobranças e afastamento da escola (KUNZ, 1994; MARQUES, 1991; SANTANA, 2004). Além desses temas, a participação dos pais e dos treinadores na vida das crianças

¹O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



atletas também é um assunto bastante debatido por autores que se dedicam ao estudo do esporte de alto rendimento na infância, os quais afirmam que o incentivo dos pais e a forma como os treinadores conduzem os treinos são decisivos ou não na permanência das crianças no esporte (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014).

Em que pese esses esforços, no campo da Educação Física, parece que as preocupações não estão centradas na ‘compreensão’ da infância também como uma construção social e em ‘como’ as crianças estão vivenciando o esporte de alto rendimento. O que se percebe são, na sua maioria, estudos de caráter prescritivo, cujas contribuições estão em torno dos aspectos do desenvolvimento físico e técnicas pedagógicas na perspectiva de ensinar, de forma adequada e eficiente, o esporte para crianças. Pouco - ou quase nada - é tratado sobre as crianças se veem nesse contexto.

Foi a partir desta inquietação que encontramos nas leituras advindas da Antropologia da Criança uma possibilidade de direcionar o olhar para as crianças e compreender como elas representam o esporte de alto rendimento, e como vivem/convivem nesse contexto do qual fazem parte. A infância, por essa corrente teórica, é vista como um modo particular de pensar a criança. Na Antropologia da Criança, acredita-se que existe relativa autonomia do mundo infantil, ou seja, uma forma particular das crianças pensarem. Nessa perspectiva, não é negada a característica estrutural do contexto social, mas, sim, é alertado para o fato das crianças também serem produtoras de relações estabelecidas entre elas e seus pares e entre crianças e adultos. Nesse sentido, elas também são produtoras dos sistemas simbólicos que vão compor a sociedade em que vivem (COHN, 2005).

Nessa direção, a questão central desses estudos é entender como as crianças formulam os sentidos que dão ao mundo em que vivem, pois se acredita que as crianças elaboram sistemas de significados complexos que não necessariamente são iguais aos dos adultos. A Antropologia da Criança não nega o atravessamento entre as culturas dos adultos e as culturas das crianças, pois as interações se cruzam e são construídas em conjunto. Porém, para esses teóricos, isso não justifica colocar as crianças em uma posição de sujeito incompleto e com entendimento limitado sobre as coisas e o mundo.

Com base nestas reflexões, com o intuito de olhar para as crianças atletas como sujeitos ativos neste contexto, o objetivo deste trabalho é compreender, dentro de um processo de construção de corpos atletas, ‘como’ e ‘por que’ determinada criança vem se mantendo no



contexto esportivo do qual faz parte. Para buscar este objetivo escolhemos analisar um caso particular de uma criança que participa da pré-equipe em estudo.

METODOLOGIA: O CAMPO DE PESQUISA

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizamos o método etnográfico de investigação, tendo como *locus* um clube esportivo da cidade de Porto Alegre/RS. Sendo a etnografia um método tradicionalmente utilizado por antropólogos na busca pela compreensão das culturas de diferentes grupos sociais, seus estudos 'clássicos' se caracterizavam por um 'mergulho' em culturas ainda preservadas, ou seja, em comunidades que não haviam sido colonizadas, como por exemplo, os estudos desenvolvidos em tribos indígenas e sociedades africanas. O objetivo dos pesquisadores era entender as formas de vida desses povos, seus costumes, línguas, religiões, entre outras questões que compõe a cultura. Foi a partir de 1920 que sociólogos passaram a utilizar a etnografia para compreender sociedades modernas das quais eles mesmos fazem parte (ANGROSINO, 2009). Assim, se esta tradição surge da vontade de transformar o *estranho em familiar*, hoje - ao se debruçar sobre a sua própria sociedade - ela tenta transformar o *familiar em estranho*.

Seguindo essa perspectiva investigativa, dentre as ferramentas utilizadas na etnografia, escolhemos as observações participantes e as entrevistas semiestruturadas. As observações se caracterizam pela presença sistemática do pesquisador na rotina de um grupo ou indivíduos que deseja pesquisar. A partir dessas observações, é possível desenvolver descrições densas (Geertz, 1989) das relações sociais estabelecidas no contexto da pesquisa.

No que se refere ao objeto do estudo e aos seus aspectos metodológicos, tivemos como inspiração a investigação desenvolvida por Wacquant (2002), pesquisador que acompanhou durante 3 anos um grupo de boxeadores residentes de um bairro pobre de Chicago, nos Estados Unidos. Sua pesquisa se caracterizou, inclusive, por uma imersão 'corporal' nos treinos dos boxeadores, pois Wacquant não apenas observou, mas também aprendeu a ser um boxeador. Foi dessa forma que, a partir do seu intenso processo de socialização cultural e corporal, compreendeu de uma forma minuciosa como os sujeitos pesquisados se constroem boxeadores.

Mesmo sem termos vivenciado a prática da Ginástica Artística, acompanhamos durante 10 meses uma pré-equipe feminina de Ginástica Artística (GA), composta por 10 meninas entre 8 e 12 anos. Durante esses meses, participamos da rotina de treinos das atletas,



assim como das competições e também de algumas viagens. A ginástica artística era um esporte estranho para os pesquisadores, e foi a partir do mergulho nos treinos que pudemos compreender o processo lento - e, por vezes, dolorido - da construção cotidiana dos corpos das ginastas.

Além das observações, desenvolvemos, ao final dos 10 meses, entrevistas semiestruturadas com as atletas. A entrevista semiestruturada é composta por perguntas amplas, as quais dão margem para o entrevistado dialogar livremente sobre o tema investigado. Segundo Burgess (1997), as entrevistas desenvolvidas em forma de conversa, em um ambiente descontraído, proporcionam informações mais detalhadas. Para este autor, as entrevistas possibilitam o acesso às informações que não foram esclarecidas apenas com as observações, servindo como um complemento para a pesquisa, ou ainda, podem ser utilizadas para a obtenção de detalhes sobre situações não presenciadas pelo pesquisador. Nesta pesquisa as entrevistas tiveram uma relevante importância, uma vez que o contexto pesquisado possuía regras de conduta bem estabelecidas, o que não permitia que as crianças tivessem muitos momentos de descontração e mesmo de conversas com os pesquisadores. Desta forma, os contatos mais efetivos não eram frequentes durante a realização dos treinos, mas sim antes e depois da rotina 'de trabalho' das meninas.

A rotina de treinos destas meninas era intensa. A primeira vez que entramos no ginásio nos surpreendemos com a quantidade de crianças praticando GA. Meninos e meninas, entre 6 e 12 anos, treinavam no mesmo ambiente em grupos separados e com diferentes treinadores. O que mais chamou a nossa atenção foi a forma com que os treinos eram conduzidos: abdominais, elevação na barra fixa, escaladas em cordas, alongamentos, entre outros exercícios bastante comuns em aulas de academias. Além dos exercícios direcionados para o desenvolvimento da força e da flexibilidade, muitas acrobacias eram realizadas, as quais causavam admiração pela estética e pelo nível de complexidade. Os treinos da pré-equipe feminina aconteciam de 5 a 6 dias por semana, 4 horas por dia e eram ministrados por três treinadoras.

Semelhante ao que Wacquant (2002) encontrou no *gym* (academia de boxe), nos primeiros contatos que tivemos com o ginásio da ginástica artística, foi inevitável a sensação que estávamos entrando em um local que se parecia com uma 'oficina do corpo'. Estávamos assistindo a produção de corpos fortes, flexíveis, ágeis, coordenados e disciplinados. No entanto, ao entrarmos no ginásio e acompanharmos de perto os treinos da pré-equipe



feminina, percebemos que não apenas corpos estavam sendo formados, mas também maneiras de ser ginasta. “Ginasta é exibida”, “ginastas tem que ter pose bonita”, “cadê a postura de ginasta?”, “sorriso no rosto para apresentar a série”, “delicadeza”, “leveza”, eram algumas frases e expressões repetidas pelas treinadoras durante os treinos enquanto as meninas desenvolviam a sequência dos seus movimentos.

As competições também marcavam fortemente a rotina destas atletas e na maioria das vezes ocorriam nos finais de semana. Era comum as crianças dormirem juntas na casa de uma treinadora no dia que antecedia alguma competição, pois desta forma as meninas se mantinham concentradas e facilitava o deslocamento das atletas. Além de participar das competições, as meninas eram solicitadas a assistirem outras crianças competirem, pois, segundo as treinadoras, era uma forma de aprendizado para a equipe. Desta forma, entre os treinos de segunda a sábado e as competições nos finais de semana, as crianças ocupavam a maior parte dos seus tempos com a ginástica artística, sobrando pouco para outros momentos, como para atividades escolares e de lazer.

“AINDA BEM QUE TEM GENTE QUE NÃO FAZ GINÁSTICA” E “GINÁSTICA É UMA COISA QUE EU ADORO”

Ao acompanhar de perto as meninas da pré-equipe percebemos que aquele universo tinha uma lógica que buscava homogeneizar as crianças, na perspectiva de se tornarem ginastas. Porém, até por conta das diferentes trajetórias de cada menina, identificamos uma heterogeneidade no que se refere a como elas significam aquele contexto. Para algumas, a Ginástica Artística representa uma possibilidade de ascensão social, como no caso de Elisa, criança proveniente de uma família pobre que conheceu a GA através da televisão. Quando perguntamos para a Elisa por que ela praticava GA, a menina respondeu imediatamente: “A Ginástica é o meu futuro”.

Assim como Elisa, embora não seja proveniente de uma família pobre, Patrícia também vê na ginástica o seu futuro. Segundo seu depoimento, a menina se interessou pela ginástica por causa da reconhecida atleta Daiane dos Santos, pois via a ginasta na televisão e desejava ser como ela. Hoje Patrícia pensa em ser atleta e, após concluir sua carreira de atleta, também planeja ser treinadora de ginástica artística.

Em contra partida, as frases que intitulam este texto foram ditas por Míriam, colega de treino da Elisa e da Patrícia. Alguns dos seus depoimentos e mesmo de atitudes ilustram a



forma ‘não linear’ com que esta menina vivencia e representa a ginástica artística e a sua participação na pré-equipe. “Ainda bem que tem gente que não faz ginástica” foi dito por Míriam enquanto escalava uma corda em um dia rotineiro de treino. A corda fazia parte do treino de força e em muitos momentos era utilizada por uma das treinadoras como punição para quem não participava das atividades da forma esperada pela mesma treinadora. Com isto, com frequência as meninas deveriam “pagar” uma quantidade de cordas.

Neste dia Míriam não estava “pagando cordas”, mas deveria escalar duas vezes para finalizar o momento do treino em que desenvolviam a força. Ao questioná-la sobre a sua afirmação, a menina justificou dizendo que acha boa a vida de quem pode ficar em casa e não precisa treinar todos os dias. Ao ser perguntada a razão de fazer ginástica, já que pensava desta forma, a menina explicou que não foi ela quem quis fazer ginástica, mas sim sua mãe que a levou para fazer o teste.

Esta atleta tem 9 anos de idade e iniciou na ginástica com 7 anos. Foi levada pela mãe para fazer o teste na pré-equipe porque era muito agitada e estava frequentemente fazendo acrobacias em casa². A menina é chamada carinhosamente pelas treinadoras de “espoleta”, pois passa boa parte do treino brincando, se pendurando nos equipamentos ou conversando. Por este motivo, sua rotina na pré-equipe é marcada pelas chamadas de atenção das treinadoras.

Além de “espoleta”, Míriam expressa insatisfação em relação às ordens que lhe são dadas. Sobre este aspecto, muitos conflitos que presenciamos entre ela e as treinadoras ocorreram pelo fato da menina fazer “cara feia” enquanto as treinadoras a mandavam repetir algum exercício que havia sido realizado “sem capricho” ou de forma errada. Percebemos que os exercícios que a menina não gosta de fazer são os específicos de força, como os abdominais e as escaladas na corda, aos quais ela expressa pouca dedicação. Na entrevista que realizamos, a menina falou sobre os exercícios de força:

Pesquisadora: O que tu não gostas nos treinos?

Míriam: Dorsal de pernas porque a gente tem que fazer com pesinhos de 2kg.

Pesquisadora: Eu te vi fazendo hoje. Estava cansativo?

Míriam: Estava e por isso fiz bem baixinho. Ainda bem que ninguém viu (22/12/2014).

² Informação fornecida pela menina na entrevista e pela sua mãe em uma conversa informal.



Em diversos momentos, enquanto as treinadoras estavam envolvidas com as outras meninas, Míriam descansava, conversava e brincava. A atleta não parecia se sentir coagida em verbalizar que tinha fome, que não estava com vontade de fazer algum exercício, que estava cansada e que queria ir para casa. Enquanto suas colegas se preocupavam em não ficar paradas entre um exercício e outro, com receio de serem repreendidas pelas treinadoras, Míriam - sem muito constrangimento - deitava no ginásio para descansar.

Em um campeonato importante que acompanhamos em Guarulhos/SP, esta atleta foi motivo de preocupação por parte das treinadoras, pois a menina se mostrou muito agitada e desobediente. Era evidente que a menina estava animada com a viagem, pois tudo parecia novidade. Porém, mas não era só isso que ocorria: Míriam expressava outros interesses para além da ginástica.

As meninas chegaram em Guarulhos/SP alguns dias antes da competição, pois deveriam treinar no ginásio em que iriam competir para se acostumarem com os aparelhos e o ambiente. Em um dos treinos que antecedeu esta competição, Míriam se dirigiu a um dos pesquisadores e disse, de forma empolgada, que achava que o treino terminaria cedo naquele dia e que talvez elas pudessem ir para a piscina do hotel. Na entrevista confirmamos o que havíamos observado:

Pesquisadora: O que tu achaste da competição lá em SP?

Míriam: Muito boa, ainda mais o hotel né!

Pesquisadora: De um modo geral, o que tu mais gostaste da competição?

Míriam: Eu gostei do hotel, eu gostei dos quartos! Os quartos eram mais ou menos iguais, mas alguns tinham cama de casal e algumas tinham camas normais. Eu fiquei com vergonha de ficar no mesmo quarto da treinadora. Eu queria ficar no quarto com as gurias.

Pesquisadora: Que mais que tu gostaste da viagem?

Míriam: Gostei que a gente começou a ir bem alto lá no avião, me deu frio na barriga.

Pesquisadora: Tu nunca tinhas andado de avião?

Míriam: Nunca! (22/12/2014).

Diferente da Míriam, algumas meninas da pré-equipe responderam esta pergunta dizendo que o que mais haviam gostado da viagem para Guarulhos/SP era a competição. Esta diferença de centralidade que a competição tinha para cada menina ficou ainda mais evidente quando as atletas souberam do resultado final dos seus desempenhos individuais. Míriam não ficou bem colocada no ranque individual, mas não se mostrou decepcionada ou triste com a



situação. Já Elisa, que ficou em uma posição acima da Míriam, chorou após a competição. Suas colegas de equipe, querendo consolá-la, disseram que Míriam, mesmo tendo mais tempo de ginástica que Elisa, ficou mal colocada e não estava preocupada.

Neste dia percebemos claramente a diferença de significado que aquela competição tinha para a Elisa e para a Míriam. Elisa demorou algum tempo para se animar depois da competição, e quando conseguiu, brincou sozinha no ginásio fazendo exercícios de força, pois dizia que precisava ficar mais forte. Míriam, mesmo tendo o pior desempenho da equipe, estava animada brincando com as suas colegas de equipe e comendo pipoca com a sua mãe na arquibancada.

Ainda neste dia, após a competição, as meninas deveriam permanecer no ginásio até o fim das apresentações, pois, segundo as treinadoras, faz parte da formação das atletas da pré-equipe assistir outras crianças competirem. Enquanto suas colegas assistiam ao campeonato, Míriam estava sentada ao lado de um dos pesquisadores conversando sobre diversos assuntos. Após falar bastante, deitou a cabeça no colo da pesquisadora, como que pedindo carinho. Neste momento, uma das meninas da pré-equipe perguntou se Míriam havia visto a queda de uma das atletas. Ao responder que não, Míriam foi repreendida pela colega, pois, segundo essa, Míriam deveria estar prestando atenção na competição ao invés de estar conversando. Assim que a colega voltou sua atenção novamente para a competição, Míriam exclamou: “Eu não quero ver competição alguma, estou cansada e não aguento mais”. A menina estava ansiosa para ir ao shopping, passeio prometido pela treinadora após a competição.

Além destes aspectos, a menina também chamou atenção em função da sua preocupação com a estética, pois gosta de pintar as unhas e passar creme nas mãos. No entanto, as ginastas possuem algumas restrições sobre essas questões. Em um dia de treino vimos as meninas em torno da treinadora mostrando os calos das mãos. Uma delas, em tom de denúncia, disse que Míriam não possuía calos porque passava creme nas mãos. A treinadora, percebendo que as mãos da menina realmente estavam lisas, orientou-a a não passar mais cremes, pois as mãos teriam que ter calos para aguentar os exercícios; caso contrário ela estaria sempre com as mãos sangrando. Assim, se ter calos nas mãos para algumas meninas era motivo de orgulho, isso não parecia ocorrer da mesma forma para Míriam: enquanto suas colegas de equipe mostravam com orgulho os calos novos que haviam surgido, ela escondia e evitava os seus.



Além das restrições estéticas, as meninas também possuem uma série de restrições alimentares. Sobre este aspecto, Míriam também é alvo da atenção das treinadoras, pois a menina se alimenta além do que as treinadoras consideram apropriado para uma ginasta. Na viagem para Guarulhos/SP o controle da alimentação das meninas era intenso por parte das treinadoras. No dia em que partimos para a competição, marcamos o encontro no aeroporto de Porto Alegre/RS, às 5h30min. Logo que chegamos avistamos Míriam comendo um pão e tomando leite, porém ela fazia isso tentando esconder da treinadora. Sua mãe, percebendo que ela estava se escondendo, disse que não precisava agir daquela maneira. No entanto, ao ver a cena, a treinadora a repreendeu: “Tu já estas comendo?”.

Chegando ao aeroporto de Guarulhos/SP, as meninas tomaram café da manhã. Cada atleta pediu um pão de queijo e um suco de laranja, com exceção de Míriam e de Elisa, que pediram dois pães de queijo. A treinadora advertiu as duas meninas, expondo para o grupo que Míriam já havia lanchado antes de sair de Porto Alegre/RS e nem deveria estar comendo novamente. Um dos argumentos da treinadora era que as meninas a se alimentarem “como ginastas”. Após a competição elas seriam liberadas para comerem o que quisessem, mas até lá deveriam cuidar os excessos.

No entanto, apesar de todas as restrições e aspectos dos treinos que a menina parecia não gostar, Míriam, em diversos momentos, também demonstrava empenho e concentração, sem necessariamente ser cobrada pelas treinadoras. Na entrevista que realizamos com a menina, perguntada por que fazia ginástica e não outro esporte, sua resposta foi: “Ginástica é uma coisa que eu adoro!”.

Diferentemente do que relatamos acima, em vários treinos Míriam se esforçava para melhorar algum movimento, perguntava para as treinadoras se estava bom, principalmente quando estava realizando elementos³ nos equipamentos de ginástica. A atleta frequentemente mostrava com orgulho para quem estivesse disponível no ginásio (geralmente um dos pesquisadores), algum movimento novo que havia aprendido ou que achava que estava realizando corretamente. Assim como as suas colegas de equipe, na entrevista que realizamos a menina relatou gostar mais do momento do treino em que exercita os elementos nos aparelhos. Porém, quando o treino era direcionado para alguma competição o empenho da Míriam parecia maior.

³ Nome dado a determinados movimentos que compõem a Ginástica Artística.



Um exemplo disto aconteceu num treino que antecedia uma das competições, no qual as atletas estavam realizando as sequências de elementos que iriam apresentar para os jurados. Míriam estava treinando sozinha em um dos aparelhos quando uma de suas colegas se aproximou para conversar. Porém Míriam, que na maioria das vezes era muito comunicativa, repreendeu a sua colega dizendo que precisava manter a concentração nos elementos do treino. Diferente de outros dias rotineiros de treino, ela não precisava receber ordens das treinadoras para realizar as suas atividades.

A fim de buscar mais elementos para compreender as razões que levam a menina a continuar treinando ginástica artística, perguntamos o que ela mais gostava da ginástica e dos treinos. Segue abaixo este fragmento:

Pesquisadora: E o que tu gostas mais no treino Míriam?

Míriam: De fazer?

Pesquisadora: Aham, qualquer coisa.

Míriam: De aparelho?

Pesquisadora: Qualquer coisa!

Míriam: Tá! Eu gosto de fazer solo e eu gosto de fazer rodante, flik e mortal.

Pesquisadora: Qual aparelho que tu mais gosta?

Míriam: Ah eu gosto de todos.

Pesquisadora: E fora os aparelhos e os movimentos, o que tu gosta de fazer? O que tu acha legal na ginástica?

Míriam: As soras⁴!

Pesquisadora: Qual?

Míriam: A Lívía.

Pesquisadora: Por quê?

Míriam: Porque ela é legal! A Lívía não manda a gente subir na corda.

Pesquisadora: Outra coisa que eu quero saber, o que tu acha que é um treino bom? Quando o treino é bom, por que ele é bom?

Míriam: Ah quando as professoras estão mais tranquilas, não estão mais bravas assim. E daí o treino fica melhor se elas não ficam chateadas, bravas. Assim fica melhor (22/12/2014).

A menina é uma das poucas que demonstra muito afeto durante os treinos: abraça, beija e pede carinho para a treinadora Lívía, assim como já pediu algumas vezes para um dos pesquisadores. Além disso, Míriam gosta de conversar e brincar durante os treinos e está frequentemente ‘agitando’ as suas colegas de equipe inventando brincadeiras novas nos aparelhos. Desta forma, parece que os laços de amizade entre a menina e as suas colegas,

⁴ Professoras.



assim como entre ela e algumas treinadoras, são elementos importantes que compõem os treinos de GA para esta criança.

Outro exemplo disto foi relatado pela menina na entrevista que realizamos. Ainda sobre a viagem para Guarulhos/SP, as treinadoras se sentiram incomodadas com a “desobediência” e o “agito” da Míriam durante a viagem. Diante do ocorrido, o caso foi levado para a coordenadora da GA do clube, a qual teve uma conversa com a menina. Não sabíamos desta conversa até realizarmos a entrevista. Segue abaixo um fragmento da entrevista em que a ginasta fala sobre o assunto:

Pesquisadora: O que tu não gostaste da viagem? Tem alguma coisa que tu não gostaste?

Míriam: Tem!

Pesquisadora: O que?

Míriam: Quando eu, a Elisa e a Maria sentamos juntas e a Soraia (professora de balé) sentou no banco da frente. Uma mulher estava do lado dela.

Pesquisadora: No avião?

Míriam: Sim! Daí eu não estava chutando a cadeira, mas a Soraia achou que eu estava chutando e ficou me xingando. A coordenadora conversou comigo e disse que se eu não fizesse as coisas direito ou vou sair do grupo, ou vou para outro grupo ou vou sair da ginástica. Daí ela disse que quando nós formos viajar novamente ela vai junto e se eu não me comportar não sei o que vai acontecer.

Pesquisadora: E aí, o que tu achas disso?

Míriam: Ruim!

Pesquisadora: Por que tu achas ruim?

Míriam: Porque daí eu vou ficar em outros grupos e se eu ficar em outros grupos daí sim vou sair da ginástica. Assim sim! (22/12/2014)

Nos momentos em que Míriam pensou em sair da ginástica, principalmente em função da forma autoritária com que uma das treinadoras a tratava⁵, a menina relatou sentir “medo” e “vergonha” de dizer para a sua mãe que gostaria de sair da ginástica. Porém, como pudemos ver no fragmento acima, quando a ideia é sair do grupo e ir para outro, Míriam parece decidida a desistir dos treinos, isso porque, segundo a atleta suas melhores amigas estão na pré-equipe. Com isto, fica evidente que a ginástica artística representa um espaço de formação de vínculos de amizade para esta criança.

Nas entrevistas as atletas relataram que os momentos de lazer durante a semana são bastante restritos, dificilmente as meninas conseguem sair com amigas ou até mesmo se reunir

⁵ Informação fornecida pela menina na entrevista.



com colegas da escola para fazer trabalhos. Por este motivo, as ginastas se relacionam muito umas com as outras, sendo o clube, as viagens e as competições os principais locais e momentos de sociabilidade. Este aspecto nos faz pensar que este contexto de treinamento esportivo pode significar mais do que um lugar onde corpos são formados para o alto rendimento e onde as meninas buscam ser boas ginastas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Míriam é um caso que se destaca na pré-equipe por expressar contrariedades que muitas vezes parecem ausentes em um contexto de treino extremamente controlado e regrado. Por que a menina permanece frequentando os treinos, uma vez que se sente cansada e contrariada em muitos momentos? Esta foi uma questão presente enquanto observávamos a forma como Míriam levava a sua rotina de treinos. Se tivéssemos ficado satisfeitos com as respostas aos primeiros contatos com Míriam, talvez disséssemos que ela treinava por ser 'obrigada' pela sua mãe. Porém, ao olharmos aquele contexto 'de dentro', outras respostas ampliaram a nossa compreensão.

Diante das observações e da entrevista realizada com a atleta percebemos que treinar para competir parecia um bom motivo para que Míriam se empenhasse nos treinos e se mantivesse na equipe. No entanto, isso não quer dizer que o seu bom desempenho em competições tenha a mesma centralidade e seriedade que tem para muitas de suas colegas, o que nos leva a afirmar que 'mostrar o que se sabe fazer' em uma competição não significa necessariamente querer ganhar ou se destacar.

Uma outra razão que parece fazer com que Míriam permaneça frequentando os treinos são os vínculos de amizade que ela vem construindo com suas colegas de equipe, assim como com algumas treinadoras. Isto porque, apesar das restrições e da rotina extensa dos treinos de ginástica artística, segundo a menina, o que a faz ter “coragem” de falar para a sua mãe que não gostaria de continuar praticando este esporte é a possibilidade de ter que trocar de equipe ou mesmo de prática esportiva. Desta forma, para esta menina a ginástica artística está fortemente pautada pelas as amigas que foram construídas, o que leva a considerar que o treino de ginástica acaba por ser um importante espaço de sociabilidade para aquela menina.

Dessa forma, podemos colocar em dúvida muitas das críticas homogeneizadoras que são feitas ao esporte de alto rendimento para crianças. Como pudemos perceber neste caso, além das amigas por ela vividas, foi através da sua participação na pré-equipe de ginástica



que Míriam pode vivenciar momentos como viajar de avião, conhecer outras cidades e outras realidades culturais, aspectos por ela valorizados e que talvez não fossem possíveis sem a intermediação do clube esportivo. Como afirmou uma das treinadoras, ser atleta de ginástica artística proporciona muitos aprendizados que extrapolam as fronteiras do ginásio.

Por fim, outro aspecto a refletir a partir deste caso é sobre o protagonismo das crianças na construção das suas relações. Embora o contexto esportivo em que a Míriam treina seja em diversas situações intimidador e não possibilite muitos diálogos, mesmo lá ela é capaz de agir - dentro de limites - conforme as suas vontades, dizendo o que não lhe agrada e 'driblando' algumas situações, como é o caso de 'matar' um exercício quando não considera agradável ou importante, ou comendo mais do que o estabelecido. É possível, então, olhar para esta menina (e para outras, quem sabe) como alguém que faz escolhas dentro das possibilidades que lhes são dadas e que não ocupa meramente uma posição passiva diante das imposições que lhes são colocadas.

"Still well having people who do not gym": notes on ethnographic body training athlete of girls in gymnastics artistic.

ABSTRACT

This work aims to understand, in a process of building athletes bodies, 'how' and 'why' a child remains in a pre-team artistic gymnastics aimed at high performance. In pursuit of that goal we chose to analyze a specific case of a child who participates in the context studied. From observations and conducting an interview understand that three elements are important to keep the child in the pre-team: training to compete, but not necessarily get results; maintain bonds of friendship; and enjoy the experiences that universe provided, in addition to sports. The study also allowed us to perceive the child's role in the construction of their relations and their participation in training.

KEYWORDS: *child; early life; high performance sport.*

“Afortunadamente hay personas que no necesitan hacer gimnasia”: notas etnográficas sobre la formación del cuerpo de las niñas atletas en gimnasia artística.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender, en un proceso de construcción de los cuerpos de los atletas, "cómo" y "por qué" un niño permanece en un pre-equipo de gimnasia artística dirigidas a un alto rendimiento. En la búsqueda de ese objetivo optamos por analizar un caso concreto de un niño que participa en el contexto estudiado. A partir de observaciones y la realización de una entrevista a entender que tres elementos son importantes para mantener al niño en el pre-equipo: formación para competir, pero no necesariamente obtener resultados;



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

mantener lazos de amistad; y disfrutar de las experiencias que el universo, además de los deportes. El estudio también nos permitió percibir el papel del niño en la construcción de sus relaciones y de su participación en la formación.

PALABRAS CLAVE: niño; primeros años de vida; el deporte de alto rendimiento.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. *Etnografía e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BÖHME, M. T. S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. 15(1): 119-126. 2007.
- BURGESS, R. G. *A Pesquisa de Terreno: uma introdução*. Portugal: Celta, 1997.
- COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. Crescendo com um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. *Rev. Antropol.* V.43 n.2 São Paulo 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *Revista Movimento*, v.1, n.1, p. 23-28, 1994.
- MARQUES, A. T. A especialização precoce na preparação desportiva. *In: Treino Desportivo*. Lisboa, n.19, p. 9-15, mar. 1991.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S; TSUKAMOTO; M. H. C. Ginástica Artística e Especialização Precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v. 24, n.3, p.305-14, jul./set. 2010
- NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo. 2014.
- SANTANA, W. C. *Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma*. Rio de Janeiro: Reume Dumará, 2002.